

**SUSTENTABILIDADE NA CADEIA PRODUTIVA DA CARNE BOVINA BRASILEIRA:
PROPOSTA DE MODELO DE INDICADORES SUSTENTÁVEIS**

MIGUEL EUGENIO MINUZZI VILANOVA
UNIVERSIDADE PAULISTA (UNIP)

ROBERTO BAZANINI
UNIVERSIDADE PAULISTA (UNIP)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil - (CAPES) - Código de Financiamento 001.

SUSTENTABILIDADE NA CADEIA PRODUTIVA DA CARNE BOVINA BRASILEIRA: PROPOSTA DE MODELO DE INDICADORES SUSTENTÁVEIS

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas os mercados global e local estão cada vez mais exigentes por produtos que não possuem relação com degradação ambiental, problemas sociais, que possuem identificação desde sua origem, proporcionado pela rastreabilidade desses produtos, principalmente em relação às atividades relacionados ao agronegócio. Essa preocupação está partindo dos vários *stakeholders* que fazem parte das cadeias produtivas. A questão da sustentabilidade está sendo tratada pelas organizações como oportunidades para agregação de valor e como barreiras caso não estejam preparadas frente à essas exigências. No caso brasileiro, com o decréscimo da produção industrial a partir de 2013, o agronegócio se tornou o setor da economia responsável pelo equilíbrio da balança comercial pelo crescimento das exportações junto ao mercado mundial (BAZANINI, VILANOVA e RYNGELBLUM, 2022).

A expressão *stakeholder* foi cunhada pelo filósofo norte-americano Robert Edward Freeman, em 1963, por meio de um memorando interno, no qual caracterizava os *stakeholders* como grupo cujo apoio se torna vital para a existência da organização. Essa concepção contraria os pressupostos da Teoria Econômica Clássica, segundo a qual a única parte interessada do negócio é o proprietário da empresa.

Decorrente da concepção voltada para atender os interesses dos demais *stakeholders* e, conseqüentemente, não apenas os seus *shareholders*, dentre os modelos seminais de criação de valor referente às dimensões ambiental, social e econômica, o modelo *Triple Bottom Line*, proposto por Elkington (1994), passou a ser incorporado pelo universo corporativo em função, principalmente, dos benefícios que tendem a ser obtidos a partir de um novo posicionamento proativo e humanizado (VILANOVA, BAZANINI e RYNGELBLUM, 2022).

Desse modelo originário surgiram inúmeros outros, dentre os quais pode-se destacar: Modelo DJSI, Modelo ISE, Modelo ARABESQUE S-RAY®, Modelo ETHOS, Modelo IBGE, Modelo SAFA, Modelo TBL para gerenciamento de projetos, Modelo de Gestão para resíduos sustentáveis, Modelo GAS-agro, Modelo GIPS, dentre outros. Esses modelos contemplam os aspectos econômicos, sociais e ambientais, todavia, no Brasil os dois últimos aspectos têm sido preteridos em favorecimento do primeiro.

“Em nosso país a questão da governança para a sustentabilidade se apresenta de modo ainda de modo incipiente. O Brasil tem realizado baixos investimentos no setor da agropecuária. Além dessa limitação, os aditivos do agronegócio brasileiro, o desmatamento da região amazônica, o desinteresse pelos direitos sociais, não estão sendo considerados ainda como contraproducentes para criação de valor” (BAZANINI, VILANOVA e RYNGELBLUM, 2022, p.2).

De certa maneira, o agronegócio brasileiro está na contramão da história diante do protagonismo do consumidor dos países compradores, por intermédio de um movimento que busca restringir as importações associadas ao desmatamento e o desrespeito aos direitos humanos. Essa imagem negativa está sendo combatida, seja por meio de ações efetivas para combater as desigualdades sociais e a degradação ambiental, seja por meio de procedimentos retóricos, particularmente, *greenwashing* (ARAÚJO, DIAS e PAGOTO, 2019).

Pode-se considerar, então, que a adoção dos princípios da ESG traz inúmeros benefícios, além de se tornar *persona grata* perante à comunidade, alcançar vantagem competitiva e reduzir custos por meio de certificações e, ainda, preferência de compra por adotarem práticas ambientais consoantes com as expectativas dos clientes e dos fornecedores (VILANOVA, BAZANINI e RYNGELBLUM, 2022). Na perspectiva do *Stakeholder Capitalism*, as organizações estão cada vez mais preocupadas com a criação de valor não somente em

atendimento aos interesses dos acionistas, mas também, quanto as questões sociais, ambientais e de governança.

Esse comprometimento passa necessariamente pela atenção que as empresas dedicam aos indicadores ESG, visto que, esses indicadores nortearão as ações à serem implementadas com vistas ao sucesso futuro (SERAFEIM *et al.*, 2019). Atualmente, um dos pontos cruciais para a conquista de novos mercados relaciona-se diretamente com as questões socioambientais, pontos esses, que devem ser continuamente monitorados por todos os *stakeholders* envolvidos no empreendimento (SERAFEIM, KRAMER e PORTER, 2019; TUCKER e JONES, 2020). Nessa linha de raciocínio, esses pontos cruciais que devem ser imediatamente contemplados foram mencionados por diferentes pesquisadores para o desempenho das empresas comprometidas com as questões socioambientais (JHA e RANGARAJAN, 2020; AOUADI e MARSATI, 2018).

Diante dessas constatações o artigo procura responder o seguinte problema de pesquisa: como os pressupostos da ESG acompanhados dos pilares do *Stakeholder Capitalism* tendem a criar valor para os *stakeholders* da cadeia produtiva da carne bovina?

Assim, este artigo apresenta um tema atual e relevante, demonstrando a evolução das publicações sobre a ESG e propondo um modelo de sustentabilidade aplicável para cadeia produtiva da carne bovina que avance além dos modelos pesquisados, apresentando indicadores que contemplem as especificidades locais da região Sudoeste de Mato Grosso, onde a pesquisa está sendo realizada e cujas especificidades não foram identificadas nos modelos encontrados.

2. REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

A revisão a ser empregada nesse estudo se volta para a revisão sistemática da literatura que se caracteriza por utilizar fonte de dados referente às publicações científicas com o intuito de descrever o estado da arte sobre determinado tema (GALVÃO E PEREIRA, 2014). No presente artigo essa busca sobre o estado da arte, se dá pela investigação de trabalhos relacionados à sustentabilidade tendo como objetivo encontrar possíveis lacunas para fundamentar a validade e a justificativa da pergunta da pesquisa, tendo como referência os modelos *Stakeholder Capitalism* e ESG na base *Scopus* e *Web Of Science*.

2.1. Pesquisa bibliométrica

A pesquisa bibliométrica realizada entre os meses de novembro de 2022 a maio de 2023, se deu por meio da utilização das plataformas da *Scopus*, tomando como recorte temporal os últimos cinco anos, contemplando artigos aprovados e, mesmo aqueles que serão publicados no ano de 2023.

Os termos utilizados para pesquisa no banco de dados foram as seguintes: 1) “ESG”; 2) “*Value chain*”; 3) “*Global value chain*”; 4) “*Firm value*”; 5) “*Stakeholder*”; 6) “*Stakeholder Capitalism*”; 7) “*Agri-Food*”. Os termos foram inseridos na busca pelo título do artigo, resumo e palavras-chave. Afim de verificar se o artigo possui relação com o tema pesquisado realizou-se a leitura do título e do resumo, excluindo àqueles sem relação à pesquisa.

2.1.1 Seleção de artigos: autores e principais abordagens

Após realizar a busca de artigos, analisar seu conteúdo e contexto, pode-se inferir que mesmo a temática da ESG estar em ascensão, ainda falta buscar informações de como ocorre a adoção da ESG em empresas que fazem parte da cadeia de valor da carne. Nos artigos pesquisados constatou-se uma lacuna resultante da não existência de trabalhos que identifiquem os procedimentos da ESG utilizados pelos pecuaristas e, complementarmente, se esses procedimentos foram uma recomendação ou imposição dos *stakeholders*, ou mesmo, em relação a atuação do pecuarista na cadeia da carne se existe interesse pelas questões ambientais,

sociais e de governança, visto que, esses questionamentos não foram contemplados na literatura investigada.

Curiosamente, de todos os artigos analisados foi encontrado apenas um artigo que trata especificamente de cadeia de valor global (TAKAHASHI e YAMADA, 2021), sendo o foco principal do artigo a investigação se o engajamento em ESG das empresas que atuam nas cadeias de valor globais traria maiores retornos em ações. Nesse trabalho, não se abordou a cadeia de valor global da carne e nem como foi a adoção da ESG pelas empresas, o que é o objeto desta pesquisa.

A tabela 1 apresenta o quantitativo de artigos que foram gerados no período de 2018 a 2023 na plataforma da *Scopus*. Nessa primeira tabela consta o número de artigos que possuem o termo “ESG” apenas no título. Para não se perder o foco e buscar artigos de diferentes áreas do conhecimento se aplicou filtro para selecionar artigos em Inglês e nas áreas de: Administração, Sustentabilidade, Economia, Ciências Sociais e Ciências Ambientais.

A tabela 1 apresenta os resultados combinados com os termos descritos acima.

Tabela 1 – Resultados das buscas de artigos utilizando termos no título – plataforma *Scopus*.

Busca avançada: Termos apenas no título do artigo	2018	2019	2020	2021	2022	2023	Total
(1) <i>ESG</i>	10	30	43	88	293	34	498
(2) <i>Value Chain</i>	141	151	192	227	338	16	1.065
(3) <i>Global Value Chain</i>	62	75	108	127	208	9	589
(4) <i>Firm Value</i>	82	73	133	127	150	13	578
(5) <i>Stakeholders</i>	419	450	534	561	713	53	2.730
(6) <i>Stakeholder Capitalism</i>	0	0	3	2	6	1	12
(7) <i>Agri-food</i>	70	85	122	167	211	15	670
(1) e (2)	0	0	1	0	0	0	1
(1) e (3)	0	0	0	0	0	0	0
(1) e (4)	1	1	0	2	5	0	9
(1) e (5)	0	0	1	2	4	0	7
(1) e (6)	0	0	0	1	1	0	2
(1) e (7)	0	0	0	1	0	0	1

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Como se pode observar, os resultados demonstram significativa evolução nas publicações sobre ESG. Porém, quando se combina o termo ESG com os demais termos, como valor da empresa, cadeia de valor, cadeia de valor global, cadeia de valor global da carne e *Stakeholder Capitalism* os resultados são restritos. Apenas a combinação entre ESG e *stakeholder* possuem um número maior de artigos. Conclui-se, preliminarmente, que são poucas as pesquisas que abordam a ESG na cadeia da carne bovina como também na perspectiva do modelo *Stakeholder Capitalism*.

Posteriormente, realizou-se também um levantamento das principais fontes de onde esses artigos foram publicados. Essa análise revelou que as pesquisas sobre ESG são publicadas em inúmeros *Journals*, não ficando restrito a apenas um pequeno número. Dentre os *Journals* que mais publicaram destaca-se o *Sustainability Switzerland, Journal Of Sustainable Finance And Investment; Finance Research Letters e Journal Of Portfolio Management*, todos eles com mais de 10 artigos publicados. O mesmo critério de busca foi utilizado na plataforma da *Web Of Science*, as categorias selecionadas para busca foram: *Business Finance; Green Sustainable Science Tchechnology; Environmental Studies; Environmental Sciences; Business; Management; Economics e Engineering Environmental*.

Também vale ressaltar que a maioria dos pesquisadores são oriundos dos Estados Unidos com 32% das publicações, Reino Unido com 14%, seguidos de Itália e França com 11 e 7,5% respectivamente. Com isso, pode-se inferir que a maioria dos autores estão concentrados nos Estados Unidos e Europa.

Após identificar os artigos, sobre o que se está pesquisando, passaremos a discorrer sobre os artigos que possuem relação com a proposição deste artigo.

3. MODELOS CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS DE SUSTENTABILIDADE

Dentre os modelos clássicos de sustentabilidade, o modelo *Triple Bottom Line* proposto por Elkington (1994), dos quais se originam os modelos *Environmental Social and Governance* - ESG e *Stakeholder Capitalism*, forneceu as bases teóricas incorporadas e atualizadas posteriormente nesses modelos.

3.1 Modelo *Triple Bottom Line*

O Modelo *Triple Bottom Line* foi proposto por Jhon Elkington no ano de 1994. Esse modelo é considerado até os dias atuais como a base para os “princípios que norteiam a sustentabilidade empresarial corporativa” (ALEXANDRINO, 2020, p.21).

De acordo com Mahoney e Potter (2004), o *Triple Bottom Line*, que no Brasil é cunhado como Tripé da Sustentabilidade, é um modelo que busca integrar as questões sociais, ambientais e econômicas em determinado negócio ou produto. Sendo utilizado também para monitorar e mensurar o desenvolvimento sustentável.

As empresas com o intuito de agregar valor à sua imagem passaram a incorporar desde então, na sua política os preceitos do modelo proposto por Elkington, constituindo ainda, uma das bases para a sustentabilidade corporativa. Para Figlioli (2013), a integração entre o tema sustentabilidade e as empresas passou por diversas fases até chegar ao que é conhecido como sustentabilidade empresarial. O quadro 1 apresenta as fases da evolução do conceito de sustentabilidade empresarial.

Quadro 1 – Evolução do conceito de sustentabilidade empresarial.

Década 1950 e 1960	Ignorância total Existia raso ou nenhum entendimento das empresas acerca de seus impactos socioambientais. O tema sustentabilidade ainda é assunto sem interesse nos acadêmicos, empresariais e políticos.
Década 1970	Resistência à adaptação As empresas não concordam com as regulações sobre temas socioambientais, entendendo que isso irá limitar o seu crescimento. No entanto buscam desenvolver meios para atender às novas obrigações de forma a manter a licença legal para operar.
Década 1980	Além da obrigação As empresas líderes começam a vislumbrar benefícios quando possuem políticas sustentáveis que vão além da legislação. Multinacionais estendem suas práticas socioambientais para países onde a legislação é mais leniente. As práticas de prevenção à poluição e controle de resíduos começam a gerar também ganhos econômicos.
Década 1990	Mudança de rumo A institucionalização das questões socioambientais, junto ao aprimoramento tecnológico, oferece novas oportunidades às empresas. Indicadores de sustentabilidade e certificações voluntárias se espalham, assim como práticas de diálogo com <i>stakeholders</i> , análise de ciclo de vida dos produtos e <i>ecodesign</i> .
Década de 2000	Parcerias para um novo modelo de gestão O conceito de sustentabilidade corporativa se consolida como uma abordagem de gestão, fazendo com que inúmeras empresas mensurem seus impactos, inovem seus processos e produtos, dialoguem e prestem contas a seus <i>stakeholders</i> , bem como influenciem sua cadeia de valor na adoção da agenda.
Década de 2010 em diante	Consolidação da sustentabilidade As questões sociais, ambientais e econômicas estão na pauta das empresas, com surgimento de modelos como o <i>Triple Bottom Line</i> ; a ESG – <i>Environmental, Social, and Governance</i> ; <i>Stakeholder Capitalism</i> . Tendo como influência a agenda 2030 da ONU.

Fonte: Elaborado com base em Alexandrino (2020, p.22).

Regra geral, pode-se considerar que os preceitos do *Triple Bottom Line* acabaram se traduzindo em um *framework* da sustentabilidade, no qual pode-se examinar os impactos econômicos, sociais e ambientais das corporações. No entanto, transcorridos 25 anos de sua divulgação, o próprio autor veio a público informar que o modelo necessitava de ajustes, pois não conseguiu realizar uma mudança significativa no capitalismo, por entender que, mesmo tendo avançado nas questões socioambientais, as empresas ainda continuavam dando maior importância para o pilar econômico em detrimento dos demais aspectos (ELKINGTON, 2018).

3.2 ESG - *Environmental, Social and Corporate Governance*

O tripé da sustentabilidade “*Triple Bottom Line*” constituiu um dos modelos seminais mais significativos de sustentabilidade. Baseia-se em três pilares (lucro, pessoas e planeta) ao analisar os impactos das organizações relacionadas ao desenvolvimento sustentável e, em decorrência, esses pilares propiciaram o surgimento de vários outros modelos com modificações relacionadas às novas exigências do contexto.

A ESG, de acordo com Tripathi e Bhandari (2014); Huang e Watson (2015) busca contemplar os fatores ambientais, sociais e de governança. Esses fatores, segundo os autores, são utilizados para mensurar o desempenho sustentável das empresas. No que tange aos fatores ambientais, estão incluídas as emissões de gases do efeito estufa, o uso da água, resíduos e uso de recursos renováveis e não renováveis. Os fatores sociais referem-se à diversidade, saúde e segurança do trabalhador, trabalho escravo e infantil e ações que causam impacto na comunidade e na sociedade. Já a governança, refere-se às questões que envolvem corrupção, *compliance*, gestão.

Todavia, apesar do termo ESG em sentido estrito ser mencionado a partir de 2004, ainda no final da década de 1990, à medida que a necessidade de responsabilidade social corporativa se tornou mais amplamente reconhecida e as considerações ambientais, sociais e de governança tornaram-se mais profundamente enraizadas na estratégia corporativa, o uso da linha de base tripla para descrever a obrigação das organizações de considerar as questões sociais e ambientais as questões realmente decolaram (PLASTUN *et al.*, 2022).

Em nossa contemporaneidade, cada vez mais o surgimento dos novos modelos de sustentabilidade acentuou a necessidade de se alcançar o conceito de resultado financeiro triplo, confirmando a tendência das organizações a necessidade de reconhecer em sua cadeia de valor o desempenho dos negócios além do puramente financeiro.

O quadro 2 apresenta um resumo das principais abordagens utilizados pelos artigos encontrados sobre a ESG nos últimos cinco anos.

As principais abordagens nos estudos sobre ESG se concentram na divulgação das ações e índices da ESG por parte das empresas e também da importância da ESG na agregação de valor da empresa. Não foram encontrados estudos específicos que relacionam a ESG com as cadeias de valor de global, objeto deste estudo.

Quadro 2 – Principais abordagens dos estudos sobre ESG.

Autores	Abordagens
Chouaibi e Affes (2021); Xie <i>et al.</i> (2019); Feng e Wu (2021); McBrayer (2018); Suttipun (2021); Plastun <i>et al.</i> (2022).	Importância da divulgação dos índices da ESG por parte das empresas.
Fatemi, Glaum, Kaiser (2018); Amel-Zadeh e Serafeim (2018); Wong <i>et al.</i> (2021); Abdi, Li e Càmara-Turull (2021); Behl <i>et al.</i> (2021); Zhang, Qin e Liu (2020); Giese, Nagy e Lee (2021).	Agregação de valor da empresa em decorrência da ESG.
Utz (2019); Pedersen, Fitzgibbons e Pomorski (2021)	Confiabilidade das avaliações ESG para novas parcerias.
Mah (2021); Tettamanzi, Venturini e Murgolo (2022). (Yang, Du, Razzaq, Shang (2022)	Investimento sustentável, abordando questões climáticas, direitos humanos, diversidade.

Akhtaruzzaman, Boubaker e Umar (2022)	Efeitos da cobertura da mídia sobre a Pandemia da COVID-19 nos índices de volatilidade ESG.
---------------------------------------	---

Fonte: Bazanini, Vilanova e Ryngeblum (2022, p. 6).

Pode-se observar no quadro acima as tendências que se apresentam nos estudos sobre a ESG na formação da imagem e reputação das organizações contemporâneas como requisito necessário resultantes das exigências dos mercados internacionais.

3.3 O Modelo *Stakeholder Capitalism*

De acordo com Schwab (2019) atualmente dispomos de três modelos de capitalismo: o “Capitalismo de Acionistas”, o “Capitalismo de Estado” e o “Capitalismo de *Stakeholders*”. Em sua percepção, o primeiro, privilegia e estimula as desigualdades e se guia pela ênfase no lucro, o segundo, tem a tarefa de definir os rumos da economia e o terceiro, enfatiza a responsabilidade social e ambiental.

De acordo com Freeman e Todnem (2022) a ideia que se tinha de modelo de negócios está mudando, passando por uma revolução conceitual. Isso significa que uma evolução para reforma do capitalismo, até então voltada para retorno financeiro dos acionistas está ocorrendo. Essa mudança se deu principalmente após a crise financeira global de 2008. Essa nova visão de capitalismo, chamado de *Stakeholder Capitalism* está voltado para a cooperação entre os acionistas, colaboradores, parceiros de negócios, ou seja, possui um foco mais social, diferentemente do que era visto até então.

O *Stakeholders Capitalism* apresenta uma nova visão de capitalismo, um “novo paradigma”, ainda pragmático, mas com foco no social, com o intuito de se encontrar equilíbrio entre a busca do ganho corporativo por meio de resultados financeiros e, ao mesmo tempo, atender as múltiplas demandas sociais. Onde as organizações empresariais buscam encontrar uma prática cooperativa entre os acionistas, colaboradores, parceiros de negócios e as comunidades em que a empresa está inserida (BEBER e RANGEL, 2020).

Nessa linha de raciocínio, o modelo *Stakeholder Capitalism*, por meio de seus princípios, pode contribuir na governança global, promovendo uma atmosfera amigável para o alcance dos objetivos de desenvolvimento sustentável – ODS (BECK e FERASSO, 2023). Os autores defendem que por meio do *Stakeholder Capitalism* é possível desenvolver parcerias na busca de promover crescimento econômico, inovação e dinamismo industrial de maneira sustentável.

Os autores defendem que a partir destas ideias o *Stakeholder Capitalism* busca a integração e responsabilidade dos diferentes atores, onde os objetivos devem ser compartilhados e as questões ambientais e sociais devem estar presentes nas discussões com os *stakeholders*. Isso significa que as empresas devem ser gerenciadas no interesse de todos *stakeholders*, incluindo colaboradores, governo, ONGs e não somente acionistas (FAMA, 2021). No entanto, essa mudança no modelo de negócios recebe críticas, sendo algumas delas contundentes, como é o caso de Denning (2020). Para o autor o *Stakeholder Capitalism* tende a fracassar pela imprecisão das empresas no âmbito do *accountability*. Isso significa se as empresas, por meio de seus gestores forem os responsáveis perante os vários *stakeholders*, podem facilmente acabar sendo responsáveis por nenhum deles, como esclarece Denning (2020):

Quando a empresa prioriza o valor para o acionista acima de tudo, as outras partes interessadas – clientes, funcionários, fornecedores, sociedade tendem a ser prejudicadas. O que deveria ter sido óbvio desde o início, tornou-se aparente depois de várias décadas: o capitalismo de acionistas é uma forma inaceitável de egoísmo institucionalizado que se auto alimenta. Cada ato individual de egoísmo leva a outro (DENNING, 2020, p.2). Tradução nossa.

Seguindo na mesma linha de críticas, os autores Bebchuk e Tallarita (2020) intitulam o *stakeholder capitalism* em “*stakeholderism*”. Para os autores a governança das partes interessadas não trará benefícios aos *stakeholders*, principalmente os externos à empresa. Segundo eles, o efeito seria o contrário, ou seja, a adoção deste modelo geraria um isolamento dos acionistas e também dos executivos, reduzindo o comprometimento com o desempenho econômico, fazendo com que o anseio dos *stakeholders* em retorno financeiro ficasse em segundo plano.

Embora o novo modelo tenha recebido críticas, está sendo uma realidade. A visão corporativa está adaptando-se de forma rápida buscando uma abordagem cada vez mais voltado as partes interessadas e, incorporando juntamente com esse novo modelo as classificações ESG em suas abordagens, tanto de investimento quanto de novas oportunidades. Essa mudança está representando um deslocamento de paradigma dos investimentos, exigindo que os fatores relacionados com a ESG esteja presente na estratégia dos negócios.

3.4 Responsabilidade Social Empresarial ou *Greenwashing*?

O Modelo *Stakeholder Capitalism* ao incorporar os pressupostos da ESG como recomendado no Fórum Mundial de Davos (WEF, 2020) remete à questão da responsabilidade social das organizações em relação aos destinos da comunidade e do próprio planeta.

A Responsabilidade Social Empresarial (RSE) diz respeito a uma serie de práticas que a organização adota espontaneamente para promover o bem-estar do público interno e externo que abrange: clientes, colaboradores, fornecedores, acionistas e comunidade de forma geral. Para alcançar tal intento é preciso que a organização mude seu modo operante de forma voluntária baseada em um modelo de gestão transparente, inovador e sustentável (BUIRAGO BETANCOURT, 2021).

Na divulgação das ações socioambientais o Relatório de Responsabilidade Social Corporativa (RSC) constitui instrumento estratégico da RSE que propicia inúmeros benefícios ao legitimar as organizações que dele dispõem ao sinalizar um comportamento responsável, o que, certamente favorece, o incremento no grau de lealdade entre investidores e clientes. (YU, VAN LUU e CHEN, 2020).

Nesse sentido, Bellantuono, Pontrandolfo e Scozzi (2018) relatam sobre as subjetividades do modelo de relatório de sustentabilidade proposto pela GRI – *Global Reporting Initiative*, que permite que às empresas identifiquem seus próprios aspectos ambientais, sociais e de governança para se evitar lacunas e, conseqüentemente, comportamentos oportunistas. Para minimizar essas dificuldades apresentam critérios para se identificar temas obrigatórios que devem constar nos relatórios de sustentabilidade e que possam ser aplicados no setor agroalimentar, cuja finalidade é da melhoria da confiabilidade desses relatórios, visto que, o setor agroalimentar é onde ocorrem as maiores discrepâncias no que consta nos relatórios e no que é colocado em prática.

Dentre os autores que se dedicaram a tarefa de desmascarar procedimentos não condizentes com a efetiva prática da sustentabilidade, pode-se destacar: Antonioli e Gonçalves-Dias (2015); Pagotto e De Carvalho (2020); Marquis, Toffel e Zhou (2016), dentre outros.

Antonioli e Gonçalves-Dias (2015); Pagotto e De Carvalho (2020), denunciam a utilização do *greenwashing* como marketing ambiental e social na propagação de informações inverídicas para persuadir à sociedade como um todo referente aos enganos que possam ocorrer sobre a natureza, atributos, benefícios ou atividades que, de certa maneira, promovem a empresa. Marquis, Toffel e Zhou, (2016) enfatizam os procedimentos retóricos utilizados na divulgação seletiva de informações sobre o desempenho ambiental de uma empresa, na perspectiva de Lyon e Maxwell (2011) com ocultação de informações negativas.

Nessa linha de raciocínio, diferentes autores têm se dedicado a estudar os discursos voltados para a sustentabilidade na perspectiva retórica dos sofistas, elencados em categorias, descrições e exemplos que partem do discurso mentiroso propriamente dito ou sem provas, passando pelos discursos vazios e divulgação seletiva, até promessas descontextualizadas com pretensões irreais, conforme ilustrado no quadro 3.

Quadro 3 – Categorias do *Greenwashing*.

Categoria	Descrição	Exemplo	Autores
Discurso enganoso (Desvio de finalidade)	O discurso ambientalista é disseminado por meio de exageros, afirmações irrelevantes, genéricas ou pretensamente irreais.	As obrigações da empresa são apresentadas como investimentos no meio ambiente.	Bazanini <i>et al.</i> (2016); Jones (2019); Pagotto e De Carvalho (2020).
Discurso exagerado (Belas mentiras)	As organizações prometem assumir compromissos que não irão cumprir.	Prometem para impressionar os consumidores e investidores, sem qualquer iniciativa prática.	Jones (2019); Lyon e Montgomery (2015).
Discurso omissivo	Divulga seletivamente o que interessa e disfarça ou esconde aquilo que não pretende esclarecer.	As empresas enfatizam os pequenos feitos e evita se referir aquilo que contraria seus interesses.	Bazanini <i>et al.</i> (2016); Jones (2019); Pagotto e De Carvalho (2020).
	Omitir impactos sociais e ambientais negativos dos seus negócios, divulgando apenas os positivos.	Desviar a atenção da opinião pública para projetos socioambientais paralelos.	Lyon e Montgomery (2015); Marquis <i>et al.</i> (2016).
	Disseminar ser possuidor de qualidades específicas sem relacioná-los aos seus produtos e serviços.	Fazer campanhas sobre responsabilidade social sem praticá-las.	Pagotto e De Carvalho (2020).

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Como se pode observar nas categorias de *greenwashing* dispostas no quadro acima o predomínio de universais abstratos, cujos modos são incapazes de resolver o problema da realidade cotidiana ao deixar brechas para as construções imagéticas que favorecem práticas de retóricas enganosas.

3.5 Modelos de Indicadores de Sustentabilidade

Dentre os modelos de sustentabilidade direcionados aos mais diferentes setores de atividade (incluindo o agronegócio) foram selecionados os seguintes modelos: Modelo DJSI - *Dow Jones Sustainability Index* (GEDAF, 2019); Modelo ISE – Índice de Sustentabilidade Empresarial (B3, 2021); Modelo Arabesque S-Ray® (ARABESQUE, 2023); Modelo Ethos (ETHOS, 2022); Modelo de indicadores de desenvolvimento sustentável do IBGE (IBGE, 2015); Modelo *Triple Bottom Line* – TBL para gerenciamento de projetos (MARTENS e CARVALHO, 2017); Modelo Gestão para Resíduos Sustentáveis (FATIMAH *et al.*, 2020). Tendo como referência os modelos de sustentabilidade direcionados exclusivamente para o agronegócio foram selecionados o Modelo GAS-Agro (NEVES e MARTINEZ, 2020), Modelo SAFA - *Sustainability Assessment of Food and Agriculture Systems* (FAO, 2013), Modelo GIPS - Guia de Indicadores da Pecuária Sustentável (SANTOS, 2022).

Todos os modelos identificados se complementam e buscam identificar se determinada empresa, rede, cadeia de produção está atendendo aos objetivos do desenvolvimento sustentável nos seus mais variados aspectos.

Com base nas dimensões desses modelos de sustentabilidade, constatou-se a inexistência de indicadores que contemplassem mais efetivamente a matriz de materialidade

relacionada às especificidades da região pesquisada aplicável à cadeia produtiva da carne bovina brasileira.

3.5.1 Proposta do Modelo Vilanova e Bazanini de Sustentabilidade

Após identificar os modelos corporativos de sustentabilidade em que, regra geral, constatou-se que a lacuna anteriormente descrita se faz presente nos modelos de sustentabilidade pesquisados, que não contemplam as especificidades das regiões pesquisadas, elaborou-se um modelo de sustentabilidade que preenche essa lacuna e que possa ser aplicado junto a cadeia produtiva da carne bovina brasileira.

O modelo proposto integra os indicadores dos modelos corporativos e os identificados na literatura, atendendo às dimensões Social, Econômica e Ambiental do *Triple Bottom Line*, acrescido da Governança Corporativa da ESG, bem como os pressupostos do *Stakeholders Capitalism*.

O modelo intitulado Vilanova e Bazanini de sustentabilidade baseado nos modelos que o antecederam, busca contemplar conjuntamente aspectos relacionados à matriz de materialidade da Teoria dos *Stakeholders*, não contemplados nesses modelos.

Em síntese, o modelo propõe a adoção de um ferramental metodológico específico para ser aplicado junto à cadeia produtiva da carne brasileira, bem como nas demais cadeias produtivas voltadas ao agronegócio, tendo como complemento as especificidades da região pesquisada. O modelo está explicitado no quadro 4.

Quadro 4 – Modelo Vilanova e Bazanini.

Dimensão	Indicador	Descrição	Modelo/Autor
Econômica	Desempenho financeiro	O negócio é economicamente viável e possui rentabilidade à longo prazo.	Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo SAFA (FAO, 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022).
	Benefícios financeiros	A produção, produto ou serviço possui valorização por ser sustentável. Essa valorização se estende por toda cadeia produtiva da carne bovina.	Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo GIPS (SANTOS, 2022); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2020).
	Gestão	Como é realizado o acompanhamento das despesas e custos sobre a atividade desenvolvida.	Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo DSJI (GEDAF, 2019); Modelo GIPS (SANTOS, 2022).
	Ética	Os negócios da atividade primam pela transparência, pela ética e estão em conformidade com as legislações e normas ambientais.	Modelo TBL Gerenciamento de Projetos. (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2020); Modelo Gestão de Resíduos Sustentáveis (FATIMAH <i>et al.</i> , 2020); Modelo ETHOS (ETHOS, 2022); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo DSJI (GEDAF, 2019); Modelo GIPS (SANTOS, 2022).
	Preservação Ambiental	O Código Florestal Brasileiro é atendido. Há plano de conservação da natureza e do habitat.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo ETHOS (ETHOS, 2022); Modelo GIPS (SANTOS, 2022).
	Manejo	No desenvolvimento da atividade o bem-estar animal é atendido. Ele se dá por meio de	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo GAS-AGRO (NEVES e

Ambiental		práticas de manejo, saúde, nutrição e transporte.	MARTINEZ, 2021); Modelo SAFA (FAO, 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022).
	Proteção à biodiversidade	As ações voltadas para a proteção da biodiversidade contemplam práticas de conservação e recuperação da flora e da fauna.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo SAFA (FAO, 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022).
	Energia limpa	São tomadas atitudes com relação ao uso de fontes renováveis de energia. Ações para melhoria da eficiência energética são empregadas regularmente.	Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo Gestão de Resíduos Sustentáveis (FATIMAH <i>et al.</i> , 2020); Modelo ETHOS (ETHOS, 2022); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022); Modelo IBGE (IBGE, 2015).
	Controle	Nas rotinas de manejo para o controle de pragas, doenças ou outro tipo de adversidade são utilizados métodos naturais de controle.	Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022).
	Rastreabilidade	Existe o controle da movimentação de produtos por meio da rastreabilidade. Isso é possível ao longo da cadeia da carne bovina.	Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022).
	Gestão de água e resíduos	Os recursos hídricos são tratados e descartados de forma correta após tratamento. São utilizados fontes renováveis desses recursos.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022); Modelo Gestão de Resíduos Sustentáveis (FATIMAH <i>et al.</i> , 2020); Modelo ETHOS (ETHOS, 2022); Modelo IBGE (IBGE, 2015).
	Inovação	No desenvolvimento das rotinas são adotados processos de tecnologia e inovação. Esses processos visam a eficiência produtiva e a preocupação com a sustentabilidade.	Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo ETHOS (ETHOS, 2022); Modelo GIPS (SANTOS, 2022); Modelo SAFA (FAO 2013);
	Relacionamento com a comunidade	A comunidade local está fazendo parte das rotinas e dos negócios, priorizando a contratação de mão de obra e realizando capacitações que envolvam a comunidade.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo Gestão de Resíduos Sustentáveis (FATIMAH <i>et al.</i> , 2020); Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo ETHOS (ETHOS, 2022); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022); Modelo IBGE (IBGE, 2015).

Social	Práticas Trabalhistas	Os direitos trabalhistas estão sendo assegurados. Os trabalhadores, sejam eles permanentes ou temporários possuem acesso a alojamentos, transporte, alimentação adequados. São realizados treinamentos com relação aos riscos da atividade.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo Gestão de Resíduos Sustentáveis (FATIMAH <i>et al.</i> , 2020); Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo ETHOS (ETHOS, 2022); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022); Modelo IBGE (IBGE, 2015); Modelo ISE B3 (B3, 2021).
	Relacionamento com a sociedade	A comunidade local é atendida com ações nas áreas de educação, demonstrando a importância da conservação dos recursos naturais.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022); Modelo IBGE (IBGE, 2015).
	Relacionamento com Stakeholders	Busca-se dar preferência aos fornecedores e compradores da comunidade local, fortalecendo os pequenos negócios.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022).
Governança	Produtos sustentáveis	A realização das atividades se voltam para a sustentabilidade, de forma responsável afim de garantir um produto seguro para o consumidor final.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo ETHOS (ETHOS, 2022); Modelo DSJI (GEDAF, 2019).
	Parcerias	Busca-se trabalhar com parceiras, sejam elas públicas ou privadas, na busca de novos produtos ou técnicas de produção.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023).
	Certificações	Existe interesse genuíno na busca por certificações em sustentabilidade.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022).
	Corrupção	As políticas e práticas para o combate da corrupção são colocadas em prática. Os negócios são firmados dentro dos princípios éticos.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo Gestão de Resíduos Sustentáveis (FATIMAH <i>et al.</i> , 2020); Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo ETHOS (ETHOS, 2022); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022); Modelo IBGE (IBGE, 2015). Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo DSJI (GEDAF, 2019).

	Regras e legislação	As regras, normas e legislações, inclusive as ambientais são contempladas.	Modelo ISE B3 (B3, 2021); Modelo TBL Gerenciamento de Projetos (MARTENS e CARVALHO, 2016, 2017); Modelo GAS-AGRO (NEVES e MARTINEZ, 2021); Modelo Arabesque (ARABESQUE, 2023); Modelo ETHOS (ETHOS, 2022); Modelo SAFA (FAO 2013); Modelo GIPS (SANTOS, 2022); Modelo ISE B3 (B3, 2021).
--	---------------------	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O modelo proposto é composto por 21 indicadores, sendo destes 4 econômicos, 8 ambientais, 4 sociais e 5 da governança. A escolha destes indicadores na criação do modelo teve como base os estudos realizados pelos modelos aqui apresentados. Esses indicadores se fazem presente tanto nos modelos gerais quanto nos modelos específicos para o agronegócio e estão alinhados aos pressupostos do *Stakeholder Capitalism* e da ESG.

Procurou-se também deixar o modelo funcional e objetivo, ou seja, de fácil aplicação e compreensão para os respondentes. Os indicadores propostos como já mencionado, originaram de vários modelos que já passaram pelo crivo de pesquisadores e especialistas, sendo testados e validados, dando maior robustez ao modelo.

Além dessa preocupação em se buscar indicadores validados, alguns indicadores procuram extrair as especificidades da região onde a pesquisa está sendo realizada, como exposto nos diferenciais desses três indicadores contidos no modelo, conforme quadro 5.

Quadro 5 - Diferenciais dos indicadores no Modelo Vilanova e Bazanini.

Indicador	Descrição dos indicadores referente as especificidades da região Sudoeste Matogrossense
Relacionamento com os <i>stakeholders</i>	Busca-se identificar se o comércio da comunidade local está tendo a preferência na comercialização e se os pequenos negócios estão sendo valorizados. Particularmente, na região sudoeste de Mato Grosso esse indicador se torna imprescindível para se mensurar a criação de valor junto à comunidade local, visto que, a região possui grande número de pequenas empresas que dependem dessa interação.
Preservação Ambiental	Busca-se verificar se o Código Florestal Brasileiro está sendo atendido. Esse indicador é de suma importância, pois de acordo como o art. 12 da lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012, que dispõe sobre a proteção da vegetação nativa, se o imóvel estiver localizado na Amazônia Legal, que é o caso da região sudoeste de Mato Grosso, deve manter área com cobertura vegetal de no mínimo 80%, no imóvel situado em área de florestas; 35%, no imóvel situado em área de cerrado e 20%, no imóvel situado em área de campos gerais.
Proteção à Biodiversidade	Busca-se verificar se existem práticas de proteção, conservação e recuperação da biodiversidade. Nesse quesito, esse indicador se torna relevante, visto que, na região pesquisada estão presentes três importantes biomas brasileiros: Pantanal Matogrossense, Cerrado e Amazônico, sendo rica em biodiversidade.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

As especificidades desses indicadores apontam a importância de se contemplar em seus pormenores as características de cada região, como mencionado no quadro acima.

Ao contemplar as especificidades da região pesquisada, tenta-se encontrar procedimentos que, de certa forma, possam impedir o emprego de universais abstratos disseminados retoricamente na forma de *greenwashing*, visto que, a matriz de materialidade dos RSCs deve contemplar efetivamente todas as partes interessadas para que os indicadores formulados atinjam impactos positivos nas comunidades nas quais atuam. Ao se propor o modelo próprio ao invés de se apoiar exclusivamente em um determinado modelo, essa proposta buscou evidenciar indicadores que buscam extrair dados específicos dessa região, sendo que os modelos que foram identificados na literatura possuem abrangência geral, não abarcando as especificidades locais.

Portanto, o Modelo Vilanova e Bazanini busca avançar além das práticas de *greenwashing*, como denunciado em matéria provocativa pela Revista Exame (18/04/2023) em que, pelo uso de universais abstratos, os princípios da ESG somente são praticados da porta para fora das organizações. Particularmente, em relação ao modelo de sustentabilidade relacionado à cadeia da carne bovina, busca contemplar as especificidades da região como pode ser constatado no Programa de Escritórios Verdes do frigorífico JBS, para ajudar seus fornecedores a regularizar seu passivo ambiental em algumas regiões do Brasil (Revista Exame, 07/04/2023), o que reitera a necessidade dos indicadores se adequarem especificidade de contexto, particularmente, os dois últimos itens do modelo em que estão presentes como diferencial do método as especificidades da cadeia da carne bovina na região Sudoeste de Mato Grosso.

4. REFLEXÕES FINAIS

O *Stakeholders Capitalism* apresenta uma nova visão de capitalismo, ainda com certo pragmatismo. No entanto com um foco no social com o intuito de se encontrar equilíbrio entre a busca do ganho corporativo por meio de resultados financeiros e, ao mesmo tempo, atender as múltiplas demandas dos sociais.

Todavia, essa visão pode ser corrompida pelo emprego de práticas de *greenwashing* que se constitui em ameaça para os diversos aspectos da sustentabilidade, dentre as quais, impedir o engajamento da sociedade e propaganda enganosa, pois induz o consumidor a negar um valor que possui de respeito ao ambiente ao ser enganado.

Os modelos de sustentabilidade identificados, sejam eles modelos corporativos, quanto modelos da literatura tem como base os princípios do *Triple Bottom Line*, da ESG e do *Stakeholder Capitalism*. O modelo Vilanova e Bazanini de sustentabilidade para cadeia produtiva da carne bovina é baseado nas dimensões da ESG acrescido da dimensão governança e possui como diferenciais indicadores que buscam extrair às especificidades da cadeia produtiva da carne bovina e da região Sudoeste Matogrossense, onde a pesquisa de campo se dará.

Justifica-se, portanto, a adoção do método por contemplar as especificidades dessa região, em que se tenta encontrar procedimentos que, de certa forma, possam impedir o emprego de universais abstratos disseminados retoricamente na forma de *greenwashing*, visto que, a matriz de materialidade dos RSCs deve contemplar efetivamente todas as partes interessadas para que os indicadores formulados atinjam impactos positivos nas comunidades nas quais atuam. Ao se propor o modelo próprio ao invés de se apoiar exclusivamente em um determinado modelo, essa proposta buscou evidenciar indicadores que buscam extrair dados específicos dessa região, sendo que os modelos que foram identificados na literatura possuem abrangência geral, não abarcando as especificidades locais, o que, de certa maneira podem ser preenchidas por meio de universais abstratos, elementos esses, que estão incorporados às práticas de *greenwashing*.

Os achados preliminares deste estudo podem servir de apoio para novas pesquisas sobre a ESG, através deste mapeamento sobre as principais abordagens, autores e periódicos, além de oferecer à academia um ferramental metodológico específico para ser aplicado junto à cadeia produtiva da carne brasileira, bem como nas demais cadeias produtivas voltadas ao agronegócio.

REFERÊNCIAS

ABDI, Y.; LI, X.; CÀMARA-TURULL, X. Exploring the impact of sustainability (ESG) disclosure on firm value and financial performance (FP) in airline industry: The moderating role of size and age. **Environment, Development and Sustainability**, p. 1-28, 2021.

AKHTARUZZAMAN, M.; BOUBAKER, S.; UMAR, Z. COVID-19 media coverage and ESG leader indices. **Finance Research Letters**, p. 102170, 2022.

ALEXANDRINO, T. C. **Análise da relação entre os indicadores de desempenho sustentável (ESG) e desempenho econômico-financeiro de empresas listadas na B3.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2020.

ANTONIOLLI, G. O.; GONÇALVES-DIAS, S. L. F. Uma discussão em torno de responsabilidades, comunicação ambiental e greenwashing: o caso Petrobras. **Organizações e Sustentabilidade**, v. 3, n. 1, p. 3-46, 2015.

AOUADI, A.; MARSAT, S. Do ESG controversies matter for firm value? Evidence from international data. **Journal of Business Ethics**, v. 151, n. 4, p. 1027-1047, 2018.

ARABESQUE. **Arabesque S-RAY – Methodology**. 2023. Disponível em: <https://reporting.unpri.org/Download.aspx?id=Arabesque%20S-Ray%20Methodology.pdf>. Acesso em: 25/03/2023.

ARAÚJO, R. S.; DIAS, S. L. F. G.; PAGOTTO, E. L. Rotulagem ambiental e greenwashing: análise de discursos e práticas empresariais. **Organizações e Sustentabilidade**, v. 7, n. 2, p. 25-42, 2019.

B3. Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3). 2021. Disponível em: https://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/indices/indices-de-sustentabilidade/indice-de-sustentabilidade-empresarial-ise-b3.htm. Acesso em 30/03/2023.

BARRY, D.; HOYNE, S. Sustainable measurement indicators to assess impacts of climate change: Implications for the New Green Deal Era. **Current Opinion in Environmental Science & Health**, v. 22, p. 100259, 2021.

BAZANINI, R.; MIKLOS, J.; BAZANINI, H. L.; SANTANA, N. C. COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: A ARTE SOFÍSTICA NA ADMINISTRAÇÃO. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 1, p. 62-77, 2016.

BAZANINI, R.; VILANOVA, M. E. M.; RYNGELBLUM, A. L. Stakeholders Capitalism: Perspectivas e tendências da Environmental, Social and Corporate Governance (ESG) no Agronegócio do Brasil. In: **Anais do XI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD – EnEO**. 2022.

BEBCHUK, L. A.; TALLARITA, R. The illusory promise of stakeholder governance. **Cornell L. Rev.**, v. 106, p. 91, 2020.

BEBER, A. J.; RANGEL, R. R. *Stakeholder Capitalism*: um ensaio sobre o novo capitalismo pragmático e social. **Revista Metropolitana de Governança Corporativa**, v. 5, n. 1, p. 60, 2020.

BECK, D.; FERASSO, M. How can Stakeholder Capitalism contribute to achieving the Sustainable Development Goals? A Cross-network Literature Analysis. **Ecological Economics**, v. 204, p. 107673, 2023.

BELLANTUONO, N.; PONTRANDOLFO, P.; SCOZZI, B. Guiding materiality analysis for sustainability reporting: the case of agri-food sector. **International Journal of Technology, Policy and Management**, v. 18, n. 4, p. 336-359, 2018.

BOWEN, F.; ARAGON-CORREA, J. Greenwashing in corporate environmentalism research and practice: The importance of what we say and do. **Organization & Environment**, v. 27, n. 2, p. 107-112, 2014.

CHOUAIBI, S.; AFFES, H. The effect of social and ethical practices on environmental disclosure: evidence from an international ESG data. **Corporate Governance: The International Journal of Business in Society**, 2021.

DENNING, S. Why stakeholder capitalism will fail. **Forbes**. 2020.

ELKINGTON, J. Towards the sustainable corporation: Win-win-win business strategies for sustainable development. **California Management Review**, v.36, n.2, p.90-100, 1994.

ETHOS. **Indicadores Ethos para Negócios Sustentáveis e Responsáveis**, 2022. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/conteudo/indicadores/>. Acesso em 15/03/2023.

FAMA, E. F. Contract costs, stakeholder capitalism, and ESG. **European Financial Management**, v. 27, n. 2, p. 189-195, 2021.

FAO – Food And Agriculture Organization Of The United Nations. **Safa indicators: Sustainability Assessment of Food and Agriculture systems**. 2013. Disponível em: https://www.fao.org/fileadmin/templates/nr/sustainability_pathways/docs/SAFA_Indicators_final_19122013.pdf.

FATEMI, A.; GLAUM, M.; KAISER, S. ESG performance and firm value: The moderating role of disclosure. **Global Finance Journal**, v. 38, p. 45-64, 2018.

FATIMAH, Y. A.; GOVINDAN, K.; MURNININGSIH, R.; SETIAWAN, A. Industry 4.0 based sustainable circular economy approach for smart waste management system to achieve sustainable development goals: A case study of Indonesia. **Journal of Cleaner Production**, v. 269, p. 122263, 2020.

FREEMAN, E. TODNEM, R. *Stakeholder Capitalism and Implications for How We Think About Leadership*. **Journal of Change Management**, p. 1-7, 2022.

GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e serviços de saúde**, v. 23, p. 183-184, 2014.

GAUDENCIO, L. M.; DE OLIVEIRA, R.; CURI, W. F. Sustainability indicators system based on multicriteria analysis: a tool for the management of the sustainability of offshore oil and gas production units. **Integrated Environmental Assessment and Management**, v. 17, n. 3, p. 614-625, 2021.

GEDAF - Grupo de Estudos Dirigidos em Administração Financeira. Índice DJSI avalia as empresas mais sustentáveis do mundo em 2019. Disponível em: <https://www.gedaf.com.br/indice-djsi-avalia-as-empresas-mais-sustentaveis-do-mundo-em-2019/>. Acesso em 26/03/2023.

GIESE, G.; NAGY, Z.; LEE, L.E. Deconstructing ESG Ratings Performance: Risk and Return for E, S, and G by Time Horizon, Sector, and Weighting. **The Journal of Portfolio Management**, v. 47, n. 3, p. 94-111, 2021.

HUANG, X.; WATSON, L. Corporate social responsibility research in accounting. **Journal of Accounting Literature**, v.34, p.1-16, 2015.

IBGE. **Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil: Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 352p.** (Estudos e pesquisas. Informação geográfica; n. 10).

JONES, E. Rethinking greenwashing: Corporate discourse, unethical practice, and the unmet potential of ethical consumerism. **Sociological Perspectives**, v. 62, n. 5, p. 728-754, 2019.

LYON, T. P.; MAXWELL, J. W. Greenwash: Corporate environmental disclosure under threat of audit. **Journal of economics & management strategy**, v. 20, n. 1, p. 3-41, 2011

MAH, S. K. Earth, Wind, and Fire: PACE Plays a Vital ESG Role. **The Journal of Structured Finance**, v. 26, n. 4, p. 73-85, 2021.

MAHONEY, M.; POTTER, J. Integrating health impact assessment into the triple bottom line concept. **Environmental Impact Assessment Review**, v. 24, n. 2, p. 151-160, 2004.

MARQUIS, C.; TOFFEL, M. W.; ZHOU, Y. Scrutiny, norms, and selective disclosure: A global study of greenwashing. **Organization Science**, v. 27, n. 2, p. 483-504, 2016.

MARTENS, M. L.; CARVALHO, M. M. The challenge of introducing sustainability into project management function: multiple-case studies. **Journal of Cleaner Production**, v. 117, p. 29-40, 2016.

MARTENS, M. L.; CARVALHO, M. M. Key factors of sustainability in project management context: A survey exploring the project managers' perspective. **International journal of project management**, v. 35, n. 6, p. 1084-1102, 2017.

NEVES, M. F.; MARTINEZ, L. F. O Modelo GAS-Agro para Projetos de Desenvolvimento Sustentável. **Revista Agronomia Brasileira**, v. 4, 2020.

PAGOTTO, E. L.; DE CARVALHO, M. B. Natureza à venda: da ecopornografia a um modelo compreensivo de indicadores de greenwashing. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 24, 2020.

PLASTUN, A., BOURI, E., GUPTA, R.; JI, Q. Price effects after one-day abnormal returns in developed and emerging markets: ESG versus traditional indices. **The North American Journal of Economics and Finance**, v. 59, p. 101572, 2022.

REVISTA EXAME (18/04/2023). **ESG ‘da porta para fora’: sua empresa pratica?** <https://exame.com/esg/esg-da-porta-para-fora-sua-empresa-pratica/>. Acesso em 18/04/2023.

REVISTA EXAME. (07/04/2023). **A JBS quis ajudar seus fornecedores com passivos ambientais e descobriu como regularizar a cadeia.** Disponível em: <https://exame.com/esg/a-jbs-quis-ajudar-seus-fornecedores-com-passivos-ambientais-e-descobriu-como-regularizar-a-cadeia/>. Acesso em 18/04/2023.

SANTOS, P. S. **SISTEMAS PRODUTIVOS INTENSIVOS DA PECUÁRIA DE CORTE DE MATO GROSSO DO SUL**: Conjunto de indicadores de avaliação da sustentabilidade. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022.

SCHWAB, K. Why we need the “Davos Manifesto” for a better kind of capitalism. In: **World Economic Forum**. 2019. Disponível em: <https://netzero.projeto draft.com/o-que-e-capitalismo-de-stakeholders/>. Acesso em 11 de abril de 2023.

SERAFEIM, G.; KRAMER, M.; PORTER, B. M. Where ESG Fails. **Institutional Investor**, p. 1– 17, 2019.

SERAFEIM, G.; ZOCHOWSKI, T. R.; DOWNING, J. Impact-weighted financial accounts: The missing piece for an impact economy. **Harvard Business School**, 2019.

STOFFEL, J. A.; COLOGNESE, S. A. O desenvolvimento sustentável sob a ótica da sustentabilidade multidimensional. **Revista da FAE**, v. 18, n. 2, p. 18-37, 2015.

SUTTIPUN, M. The influence of board composition on environmental, social and governance (ESG) disclosure of Thai listed companies. **International Journal of Disclosure and Governance**, p. 1-12, 2021.

TAKAHASHI, H.; YAMADA, K. When the Japanese stock market meets COVID-19: Impact of ownership, China and US exposure, and ESG channels. **International Review of Financial Analysis**, v. 74, p. 101670, 2021.

TETTAMANZI, P.; VENTURINI, G.; MURGOLO, M. Sustainability and Financial Accounting: a Critical Review on the ESG Dynamics. **Environmental Science and Pollution Research**, p. 1-4, 2022.

TRIPATHI, V.; BHANDARI, V. Socially responsible investing-an emerging concept in investment management. **FIIB Business Review**, v. 3, n. 4, p. 16-30, 2014.

TUCKER, J. J.; JONES, S. Environmental, Social, and Governance Investing: Investor Demand, the Great Wealth Transfer, and Strategies for ESG Investing. **Journal of Financial Service Professionals**, vol. 74, no. 3, p. 56–75, 2020.

VILANOVA, M. E. M.; BAZANINI, A.; RYNGELBLUM, A. L. Reflexões sobre as controvérsias do Modelo *Stakeholders Capitalism* como fator de criação de valor na Cadeia da Carne Bovina Brasileira: Relevante ou Inoperante? In: **Anais do XXIV Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA**, São Paulo, 2022.

WEF - World Economic Forum. **The Davos Manifesto**. 2020. Disponível em: <https://www.weforum.org/the-davos-manifesto>. Acesso em 17/03/2023.

YU, E. P.; VAN LUU, B.; CHEN, C. H. Greenwashing in environmental, social and governance disclosures. **Research in International Business and Finance**, v. 52, p. 101192, 2020.